

DO PROFESSOR AO CIBERPROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR NA EAD: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Cleber Nauber dos Santos - cnauber@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira - Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Este estudo identifica quem é o professor do ensino superior quando inserido na modalidade da EAD. O sujeito desta análise será o professor que atua em um contexto de docência que impõe desafios bastante diferenciados do contexto atual, quais sejam: a diversidade; a personalização do ensino-aprendizagem; a administração do tempo e do espaço; a metacognição; a cibercultura. Partimos da reflexão de alguns pressupostos teóricos referentes ao mundo digital, como cibercultura, interface, interatividade e transdisciplinaridade. A metodologia utilizada envolveu uma pesquisa bibliográfica na qual se discute como o professor universitário pode refletir as questões teóricas pertinentes a docência em EAD como uma possibilidade social baseada na cibercultura. Apresentamos algumas reflexões com o objetivo de colaborar com o aperfeiçoamento e qualificação da EAD e das interações que resultam da atração desse professor em relação à sua realidade atual, transformando-se no ciberprofessor quando inserido na modalidade da EAD

Palavras-Chave: EAD; Cibercultura; Ciberprofessor

Abstract

This study identifies who is the teacher when work in higher education in the modality of the distance education. The bloke of this analysis will be the teacher who that sufficiently challenges imposes differential in the nowadays context, which are: the diversity; the personalization of the teach-learning; the administration of the time-space; the metacognition; cyberculture. We leave of the discussion of some theoretical assumptions concerning the digital world as the cyberculture, the interface, the interactivity and transdisciplinarity. The used methodology involved a bibliographical research which discussed how the university teacher can reflect pertinent the theoretical the questions his work in higher education in the modality of the distance education as a based social possibility in the cyberculture. We present some thoughts with the purpose of collaborating with the improvement and qualification the modality of the distance education and interactions that result of the attraction of the university teacher in relation to its actual reality, transforming themselves in cyberteacher when works in the superior education in the distance mode.

Keywords: Distance education, Cyberculture; Cyberteacher

1. Introdução

No intuito de corroborar com o desejo de aperfeiçoar a qualidade da educação brasileira, que historicamente sempre enfrentou muitos desafios econômicos, políticos, sociais, culturais, filosóficos, entre outros, um dos esforços deve ser uma formação

profissional sólida e continuada do professor, através de políticas públicas que valorizem as diversas formas de conhecimento e o capacite também à docência no contexto da cibercultura.

A educação passou a ganhar novas significações no momento em que passamos a considerar e discutir conceitos como (In)formação (MATTOS, 2004), Interface (JOHNSON, 2001), Interação (PREECE, 2005), Cibercultura (LEVY, 2000), entre outros. Com o advento da popularização da Internet em 1996 e da popularização do computador como ferramenta educacional, logo o governo brasileiro visualizou várias janelas de oportunidade, como, por exemplo, o aumento da capilaridade da rede educacional. Para este trabalho, especificamente, trataremos da janela responsável pela (in)formação (comunicação), uma vez que o aumento da capilaridade de programas de educação – possibilitada pela educação a distância (EAD) – leva à necessidade de formação de um contingente maior de profissionais com perfil redimensionado, possibilitando-os a interagir e comunicar-se no ambiente educacional da cibercultura .

Nesse sentido, este artigo discutirá alguns dos problemas que o professor universitário enfrenta quando inserido no universo da cibercultura, especialmente no que tange à EAD e no que diz respeito às tecnologias de informação e comunicação (TIC), em se tratando do convívio no ciberespaço.

O foco desse estudo visa identificar, sob a perspectiva da EAD, quais desafios e dificuldades que o professor universitário necessitará enfrentar para inserir-se na EAD, que apresenta diversas configurações, quando da tentativa de atender à formação pedagógica mais concernente com a realidade de uma comunicação cada vez mais metacomunicativa. Entende-se que não se pode alegar a necessidade de discussões em relação a qual professor deseja-se formar sem, entretanto, discutir a própria profissionalidade do professor universitário responsável por essa ressignificação.

Segundo dados do MEC (2008), o governo necessita formar um grande número de professores e, para atingir este objetivo, primeiro terá que (in)formar o formador de professores, o docente universitário do ensino presencial para interagir no ambiente transdisciplinar (MORIN, 1997) da cibercultura e instrumentalizá-lo a utilizar e pensar as TIC não só sob o aspecto tecnológico, mas social.

Aspectos como contexto de ensino, didática, avaliação e metodologias precisam ser repensados, diante da EAD, pois os padrões estabelecidos pelas estruturas das IES ainda são pautados por uma formação fortemente enraizada em uma realidade presencial, tanto na sua formação básica quanto na sua função de formador do ensino presencial ou a distância.

O domínio e compreensão das TIC apresentam outro dado relevante no contexto do professor universitário, uma vez que existe a idéia, por parte dos idealizadores de programas educacionais a distância, que o professor universitário que apenas domina o uso das TIC com certa desenvoltura estará apto para exercer seu papel de professor, aqui denominado de ciberprofessor. O ciberprofessor não é um novo personagem dentro de um ambiente já tão cheio de avatares¹, mas designa o professor universitário quando este passa a existir na cibercidade, através das relações culturais em um ambiente virtual que terá que estabelecer com seu ciber aluno.

¹ Avatar pode ser empregado para designar uma determinada identidade fluida ou corporificada de um indivíduo, através das representações visuais (bi ou tridimensionais), como também iconográficas (Fórum, IRC, MUD ou Chat), na cibercidade. Para saber mais ver (TAYLOR, 1999).

Será que isso realmente acontece? Se realizarmos um levantamento buscando identificar qual professor universitário realmente possui o perfil para exercer o papel do ciberprofessor descobriremos que ainda se faz necessário percorrer uma longa caminhada.

Provavelmente um dos problemas enfrentados pelo professor universitário quando exerce o papel do ciberprofessor é como pôr em prática as questões que perpassam a transdisciplinaridade que acontece no ambiente cibercultural na qual a EAD está inserida, visto que o problema não é tão somente uma (in)formação tecnológica.

O princípio básico da cibercultura é promover a hipertextualidade, que pode ser entendida como a capacidade do sujeito em lidar com múltiplos acontecimentos simultâneos utilizando noções, métodos e competências de uma disciplina dentro de outra ressignificando-a em um novo contexto, construindo representações específicas, utilizando-se dos conhecimentos das diversas disciplinas de forma articulada. Ou seja, é a condição de estabelecer possibilidades múltiplas de conexões entre as diferentes áreas do conhecimento; enfim, permitir que o professor universitário se dispa de suas vaidades e promova uma verdadeira revolução metodológica para uma nova (in)formação do ensino superior.

Esse estudo contribui com o fortalecimento de uma educação que cada vez mais se integra à cibercultura, a qual demanda a necessidade de estabelecer algumas bases para uma convivência virtual mais significativa do sujeito educativo consigo mesmo e com os outros. Essas bases são ainda pouco discutidas entre o professor universitário e seus pares no âmbito acadêmico, que passará ou passou a utilizar a EAD como vetor de uma nova política educacional.

Se analisarmos as propostas curriculares dos cursos em suas diversas áreas do conhecimento, principalmente os presenciais, ver-se-á que os marcos teóricos acima abordados não fazem parte ou sequer estão contemplados em uma disciplina específica para que sejam estudados, debatidos e pensados nas diversas salas de aulas presenciais da maioria das IES. Afinal, não se pode esperar que apenas as salas de aulas virtuais da EAD tragam essa discussão, que, por sinal, se também aplicada a mesma análise às propostas curriculares desses cursos, perceber-se-á que nada apresenta de diferente da estrutura curricular já tão criticada e analisada da realidade presencial por diversos estudiosos que discutem sobre currículo e formação.

2. Os marcos teóricos

Ao iniciar este estudo, surgiu a necessidade de esclarecer alguns conceitos presente já no início do século XXI quando buscamos abordar algum tema em que a EAD seja o pano de fundo.

Como ponto de partida, começaremos identificando o porquê de utilizar o termo cibercidade para diferenciar o tempo-espaço no qual as questões relacionadas às interações e socializações que ocorrem no mundo dos bits (ambiente virtual) tornam-se fundamentais. A “cibercidade nada mais é do que um conceito que visa colocar o acento sobre as formas de impacto das novas redes telemáticas no espaço urbano” (LEMOS, 2004) ao convergir as tecnologias e telemáticas disponíveis neste tempo-espaço.

Percebemos também que não se trata de separar a cidade da cibercidade por muralhas físicas ou de bits, mas diferenciar as relações sociais que se estabelecerão quando da necessidade de trafegar entre estes dois universos. Nesse sentido, é

importante esclarecer que não está em pauta aqui a migração dos habitantes da cidade à cibercidade, mas insistir em formas de fluxos comunicacionais e de transportes capazes de se interfacearem através da ação a distância (característica das redes telemáticas) e da ação e do espaço local (característica dos telecentros) (LEMOS, 2004).

Atualmente dispomos de novos rearranjos desses espaços, permitindo a participação numa rede globalizada de informações, comunicações e socializações permitindo, portanto, que em alguns momentos um indivíduo possua uma personalidade no mundo real e outra no mundo virtual, a exemplo do que acontece no Secund Life, Orkut, entre outros, passando a ter uma personalidade cibercivil²; porém, em termos metafísicos, é o mesmo ser, em sua essência.

Todos esses movimentos de forças sociais, tecnológicas e telemáticas levam à cidade e à cibercidade a desenvolverem suas relações culturais e ciberculturais, reorientando e reorganizando o modo de ser, pensar e conviver na medida em que na cidade estamos limitados pelo nosso corpo físico e as forças da natureza que orientam nossas vidas. Já na cibercidade, temos ilimitadas possibilidades, uma vez que possuímos um corpo digital capaz de se transformar no que desejamos ser, ao ponto de podermos estar em vários tempos-espacos de forma simultânea.

Portanto, a cibercultura é muito mais que um novo estilo de vida orientado apenas pelas redes telemáticas. Ela pode ser compreendida pelas possibilidades com que as redes telemáticas oferecem ao cibercivil para criar uma rede social mais rica e ilimitada descobrindo novas formas de comunicação e relações sociais mais autônomas. Cibercultura pode ser compreendida também por um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos, de pensamentos e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 2000).

Esta convergência favorece não só o novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também o novo mercado da informação e do conhecimento que tende a tornar-se a principal infra-estrutura de produção, transação e gerenciamento econômico da humanidade (LEVY, 2000).

Complementando o conceito de cibercultura apresentam-se três princípios fundamentais para que a identifiquemos: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva além de compreender a Internet como um agente humanizador porque socializa a (in)formação e humanitário porque possibilita a ampliação das capacidades individuais e a defesa dos interesses das minorias (LEVY, 2000).

A cibercultura propõe, assim, que consigamos trabalhar e conviver na cibercidade de modo transdisciplinar, uma vez que o pensamento ou conhecimento não mais é entendido de forma fragmentada, compartimentada, unidisciplinar, quantificada, o qual não nos leva à inteligência cega. Assim, no contexto da cibercultura, o conhecimento nos leva à capacidade de separarmos as informações sem perder a possibilidade de reconectar, contextualizar com o objetivo de localizar qualquer informação ou conhecimento no seu contexto natural estabelecendo novas relações, permitindo, portanto, pensarmos de forma globalizada (MORIN, 1997).

A (re)forma do modo de pensarmos quando inseridos na cibercultura não elimina nossa capacidade crítica e analítica, contudo, para permitir que esta capacidade aconteça, necessitamos de interfaces que propiciem um pensamento interconectado com a cidade e a cibercidade. Portanto, interface é todo o mundo imaginário capaz de

² O termo cibercivil esta sendo empregado para designar o individuo e suas relações sociais ressignificadas, quando inserido no mundo digital.

estabelecer uma interconexão entre o real e o virtual, entre o homem e a máquina, entre a ferramenta e a extensão dos sentidos.

Os meios que a interface utiliza para possibilitar estas interconexões em uma cibercidade são o mapeamento dos bits (capacidade de atribuir um significado semântico ao ente digital); o *desktop* (capacidade de representar signos que sejam reconhecidos pelo cibercivil); as janelas (possibilidades de visualizar e aproveitar o potencial de nossa memória visual para interagir na cibercidade partindo da cidade); os links (portas ou portais que nos levam a todos os caminhos e conexões necessários para construirmos novas aprendizagens); o texto (possibilita uma ampliação e flexibilização da linguagem escrita ao ponto em que a linguagem torna-se fluida, dinâmica e metacognitiva) e, finalizando, os agentes (seres digitais dotados de capacidades ilimitadas ou limitadas responsáveis por execuções de tarefas necessárias ao funcionamento das cibercidades) (JOHNSON, 2001).

Ao estabelecer a interface com a cibercidade, o cibercivil necessita interagir com outros membros e ou agentes nesta cibercultura, desta forma pode-se compreender a interação com um processo comunicacional que medeia as relações cibernéticas que permitem a troca de informação e comunicação entre *hardware*, *software*, agente e o cibercivil. A interação pode ocorrer da forma mais simples como responder imediatamente ao questionamento do outro, como construir relações complexas que podem alterar a própria estrutura da cibercidade. Do ponto de vista do cibercivil, as ações que ele realiza usando a interface de um sistema são a capacidade de comunicar-se através da tecnologia e da Internet, e as interpretações das respostas dos agentes por meio das janelas é a interação da cibercidade para com a cidade (PREECE, 2005).

Todas essa interação gera uma (in)formação que pode ser entendida como a capacidade e informar e formar, ou seja de estabelecer os laços comunicacionais semânticos e metacognitivos que a cibercultura propicia a todos aqueles inseridos em seu contexto. Aqui começamos a perceber a aproximação da educação com as necessidades de formação possíveis, uma vez que o meio tecnológico e telemático é mais flexível, fluido, dinâmico, transrelacional, metacognitivo e livre de amarras, podendo possibilitar uma educação que transcenda as limitações que o mundo físico estabelece transformando-se na EAD semipresencial e ou online tal qual almejamos nesta primeira década do século XXI (MATTOS, 2004).

3. O contexto da EAD no ensino superior

Inicialmente, é fundamental caracterizar qual o papel da EAD para que seja possível vislumbrar uma atuação coerente com as necessidades de formação do novo professor no Brasil com perfis mais adequados e harmônicos possibilitando-os tornarem-se também ciberprofessor, a fim de que a EAD seja consolidada como uma política de formação e não uma política compensatória.

Porém, ainda é fundamental buscar estabelecer o que teoricamente entende-se por EAD, pois, passadas já cinco gerações de sua própria evolução, visto que em 2008 nos encontramos na quinta fase evolutiva da mesma (MOORE, 2007), ainda não conseguimos consolidar uma definição que atenda a todos quando buscamos conceituá-la. Contudo, algumas características são de comum acordo entre os que buscam discutí-la; são elas: formação na EAD; IES responsáveis pela gestão, produção e

desenvolvimento das atividades; uso das TIC; comunicação multidirecional entre todos os envolvidos; autonomia da ensinagem³; personalização da ensinagem.

A EAD pode ser conceituada como uma modalidade educacional fundamentada em uma metodologia sistêmica multidirecional desenvolvida na forma semipresencial e ou online na qual os sujeitos dessa relação nos seus mais variados níveis de gestão, produção e ensino buscam estabelecer uma autonomia do cibercivil através da personalização da informação e comunicação utilizando-se as TIC disponíveis à realidade de cada grupo.

O principal agente responsável por essa (trans)formação é o próprio cibercivil e não apenas as TIC que podem ser disponibilizadas síncrona ou assincronamente, referendadas pelas IES na busca por contemplar tanto os habitantes urbanos quanto os rurais de forma igual e isonômica, conforme estabelece o artigo 5º da constituição federal brasileira (BRASIL, 1988).

Outra característica que a EAD possui é a necessidade de estabelecer uma comunicação bidirecional e múltipla (SILVA, 2006), a qual entendemos ser melhor definida como a multidirecionalidade comunicacional de conexões entre informações e atores envolvidos através de uma interatividade, que pressupõe cooperação e corroboração. Essa interatividade leva o professor a modificar seu processo comunicacional com a sala de aula e a própria educação, ao se sustentar em uma modalidade comunicacional que ganha centralidade na era digital e na cibercultura.

Ao enfatizar o uso das TIC como ferramenta básica do processo ensinagem há um reforço à necessidade de um maior planejamento e organização exigindo assim técnicas especiais para o desenvolvimento e a concepção de cursos e de instruções, comunicacionais, as quais só serão logradas através de disposições “organizacionais e administrativas especiais” (MOORE, 2007).

A adoção da EAD pode trazer muitas vantagens para as IES, previstas pela legislação, como no caso dos decretos (MEC, 2008) que normatizam esta modalidade educacional: substituição de até 20% da carga horária de cursos de graduação e pós-graduação por atividades à distância; liberação de salas para novas turmas e expansão para novas áreas geográficas; redução de custos com folha de pagamento e manutenção; custos mais baixos para os alunos; oferta de disciplinas extracurriculares à distância; capacitação do próprio professor e funcionário, entre outras.

Estas vantagens propiciam novas estratégias institucionais para as IES, usos de TIC adequadas a realidade de cada grupo, desenvolvimento de novos produtos educacionais, adequação e personalização da ensinagem a grupos específicos; contudo, também gera uma demanda de um novo perfil de professor: o ciberprofessor.

O primeiro aspecto legal se dá através dos artigos 80 e 87 da LDB 9394/96, nos quais é reconhecida e conceituada a EAD. Ao ser promulgada a LDB, inicia-se a fase de normatização e, de forma tímida, surgiram as primeiras experiências de EAD no ensino superior. Outro marco importante foi em julho de 2006, quando, através do decreto nº 5.800, o governo brasileiro criou o Sistema Universidade Aberta do Brasil – (UAB), buscando fortalecer e ampliar as possibilidades de acesso ao ensino superior por uma maior parte da população.

³ Termo adotado por Anastasiou e Alves (2004, p.15) para significar uma situação de ensino na qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e aluno o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do aluno.

Atualmente, a utilização da EAD no ensino superior é muito dinâmica. Em função do alto número de editais e projetos lançados pelo governo federal em todas as áreas e níveis, o investimento na (in)formação do ciberprofessor está em plena expansão, devido à convergência das TIC atuais com as velhas possibilitando uma melhor adequação à realidade de cada local onde a EAD consegue chegar. A prova disto é a quantidade de programas e projetos que incentivam tanto a formação quanto as pesquisas na área da EAD (MEC, 2008).

Ao se pensar a EAD no ensino superior deseja-se que ela promova realmente o conhecimento e que seja uma modalidade eficaz, de alto nível e de custo acessível, compatível com as necessidades da população e das IES.

A EAD ainda possui um longo caminho pela frente devido aos interesses dicotômicos ainda existentes entre a União – estados – Instituições – Professores – Alunos. Entretanto, aqui se abre uma reflexão em relação ao professor universitário, pois este, ao ser inserido em processos de EAD, necessita ressignificar suas práticas tornando-se também o ciberprofessor, tendo em vista que muitas são as possibilidades que surgem no contexto dessa modalidade educacional, a utilização das TIC será a interface para o bom desempenho de suas funções.

4. O professor na EAD

Entender quem é o professor universitário e como ele se encontra hoje como profissional da educação presencial tendo que relacionar-se com a EAD, implica estabelecer alguns conceitos-chave que podem facilitar essa co-existência de modo significativo nesse ambiente cibercultural da atual educação, em acordo com os aspectos teóricos abordados nesse estudo buscando conceituar o papel do professor universitário na formação do ciberprofessor.

A formação do professor e a complexidade dessa prática no contexto da EAD remete-nos primeiramente a definir em linhas gerais o papel do professor e do ensino. Isso é particularmente importante porque a educação se encontra em um feixe de aspectos complexos, dos quais destacamos o aviltamento das desigualdades sociais, as diferentes formas de exclusão, as mudanças aceleradas na produção de conhecimento e tecnologia, os processos econômicos, sociais, culturais e políticos.

Partimos da idéia de que ensinar é fazer aprender (ALTET, 2001) e, na ausência de uma aprendizagem significativa, analítica e transformadora, o ensino não existe. E no ato de propiciar a aprendizagem através da comunicação, o professor passa a ser o profissional da aprendizagem a fim de desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem de forma autônoma que possa atender a uma necessidade dos mesmos, auxiliando-os a desenvolver uma consciência das necessidades socialmente existentes em uma formação universitária, atingindo assim uma prática metacognitiva.

Isso somente será possível se a interação desenvolvida pela interface chamada educação favorecer a abertura, o questionamento, a divergência de opiniões e a cibercultura, adequando os processos de pensamento crítico e construtivo sob diversas formas. Outras características podem ser vislumbradas, como a gerência das práticas de aprendizagem e a regulamentação interativa na sala de aula (ALTET, 2001; ANASTASIOU e ALVES, 2004).

Fica perceptível a relação indissociável entre ensinar e aprender, destacando que a ensinagem é justamente essa relação em que o ensinar só se constitui a partir da aprendizagem do aluno. Pode-se, então, compreender a ensinagem como processo

interativo, ao propor uma mudança do tradicional modelo pedagógico triangular – professor-aluno-conhecimento – para um modelo dinâmico em cinco dimensões – aluno-professor-conhecimento-comunicação (ALTET, 2001) e tecnologia – estabelecendo, assim, a base da multidirecionalidade comunicacional proporcionada pela modalidade a distância e a convergência tecnológica da primeira década do século XXI.

Se as interações com o ciberprofessor são uma dimensão fundamental do trabalho formativo, a dimensão interativa é de fundamental relevância para o desenvolvimento profissional do ciberprofessor, no âmbito da EAD. Ainda mais desafiador é pensar as interações entre o ciberprofessor nas suas diversas possibilidades, pois a maior parte das situações de interação pedagógica ocorrerá em momentos não presenciais (de forma síncrona ou assíncrona).

O professor se vê duplamente desafiado: contribuir para a aprendizagem profissional, acadêmica, investigativa⁴, teórico-prática e na promoção de uma interação pedagógica que favoreça a autonomia, a criticidade e a transformação do aluno e do professor em a(u)tores, a partir de um processo de compartilhamento, como afirmam Anastasiou e Alves, (2004).

No caso da formação do professor em um país que necessita tanto superar seus problemas educacionais, o professor é desafiado a formar-se também em um sujeito de saberes, profissional, crítico e reflexivo, pois historicamente a formação do educador no Brasil revela um problema que resultou em ambigüidades, no desprivilegio, na fragmentação e nas muitas dicotomias (teoria X prática, saber disciplinar X saber pedagógico, pensamento X ação), especialmente dissociação teoria/prática e pesquisa/ensino: a falta de identidade do trabalho pedagógico do professor, ou seja, sua não constituição enquanto profissão que, conseqüentemente, se refletiu na não identidade deste profissional resultante de um processo histórico que entende o papel do professor praticamente equivalente a um sacerdócio.

Uma marca desse desprivilegio e da condição semiprofissional do professor foi o caráter profissionalizante de sua formação, que acabou sendo um obstáculo à investigação científica (BRZEZINSKI, 1996). A dissociação teoria/prática acontece à medida que a formação oferece a transmissão de métodos e técnicas relativas à função professor, mas não oferece estudos mais teóricos e adaptados à educação da primeira década do século XXI.

Ainda que haja uma formação técnica por parte das IES demonstrando como usar certas tecnologias e telemáticas nas aulas, provavelmente não será possível, garantir que o professor/ciberprofessor esteja preparado a utilizar as TIC como ferramenta educacional.

Insistir nisso, além de ser inoperante em termos da grande discrepância no uso da TIC, seria continuar ou ratificar uma formação não crítica e dissociada do ponto de vista teórico-prático, uma vez que o professor universitário não seria mobilizado a refletir o processo de resignificação de seu próprio fazer. Como já afirmamos, não faz sentido formar professores numa perspectiva empirista, especialmente porque este será um formador de outros sujeitos, seja na EAD, seja na educação presencial.

⁴ Estamos nos referindo aqui à relação indissociada entre ensino e pesquisa na formação superior, que pode ocorrer tanto pela iniciação e participação em pesquisas quanto pelo contato dos alunos com resultados de pesquisas nas áreas de sua formação.

Ao professor, falta convencê-lo a aceitar que a utilização dessa tecnologia é parte integrante da sua didática em sala de aula e que exigirá uma nova atitude nas relações de interação na nova cena pedagógica na EAD, tornando-o ciberprofessor.

5. Considerações finais

A EAD, quando desenvolvida no ensino superior numa perspectiva de interação, construção colaborativa e corroborativa do conhecimento, estimulando a autonomia do ciberprofessor e a personalização da educação para cada realidade, favorece o desenvolvimento de uma competência relacionada a uma proposta de educação ampla, cidadã e crítica, podendo desenvolver e expressar suas próprias idéias, construir novos caminhos de aprendizagem, entre tantos outros benefícios.

O impacto da utilização da EAD não só poderá provocar outras possibilidades de ampliação do ensino superior, como também contribuir para um desenvolvimento humano mais próximo de contemplar as necessidades do convívio cultural e cibercultural possibilitada pela convergência tecnologia e telemática do início do século XXI.

Os grandes desafios que a formação do professor enfrenta quando exerce sua profissionalização também como ciberprofessor são a capacidade e habilidade de possuir um perfil profissional que contemple: a convivência com a diversidade; a personalização da ensinagem; o intercâmbio de idéias e experiências; a administração do tempo cidade/cibercidade, entender a linguagem metacognitiva da cibercultura; aceitar sugestões de novos caminhos para a aprendizagem; estimular e gerenciar a construção coletiva de uma cultura/cibercultura; desenvolver, pensar, escrever e refletir compartilhadamente; produzir em co-autoria e por fim compreender e dominar o uso das TIC sabendo aplicá-las de modo personalizado.

Esses desafios ocorrem porque na EAD o cibercivil pode percorrer distintos *links* existentes através de som, hipertexto e imagens; dialogar com os *agentes* buscando interconectar e construir novos contextos, mídias e recursos; utilizar-se das *janelas* para tornar-se receptor e emissor de informações; utilizar o *texto* para desenvolver habilidades metacognitivas como leitor, escritor e comunicador; metaforizar o *desktop* através do *mapeamento de bits* criando novos nós e conexões. Essas possibilidades representam os espaços multirreferenciais entre a cidade/cibercidade e a interação do que pode ser visitado, explorado, trabalhado, porém não caracterizam um local de visita obrigatória, mas a potencialidade em si de vários caminhos.

A diversidade da educação brasileira enfrenta dificuldades ou até, em alguns casos, impossibilidade de acesso às TIC por uma parcela considerável da população. Assim, a EAD no ensino superior continuará tendo que conviver com as diferentes abordagens resultantes dessa diversidade. Ainda apresenta-se um grande contingente dos civis excluídos do acesso às TIC telemáticas, participando da EAD por meio de tecnologias convencionais, reduzindo drasticamente todo o potencial que se deseja alcançar idealizado à EAD.

Entretanto, essa EAD mais limitada pode tornar-se mais interativa e aproximar-se mais da EAD convergente das TIC a partir do envolvimento do professor em programas de formação continuada por meio das TIC que o leve a refletir sobre as contribuições que a convergência entre tecnologia e telemática possibilita à prática pedagógica permitindo que o mesmo possa ser também um ciberprofessor.

Percebemos também que não se trata de substituir ou não um modelo, mas sim de viabilizar as experiências existentes que buscam democratizar a educação em todos

os níveis, a exemplo do que vem desenvolvendo o Sistema UAB, que utiliza a EAD com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

O uso das TIC na EAD poderá estimular uma conscientização mais ampla do que se entende por docência e sua importância, pois a participação do professor/ciberprofessor neste processo de formação educacional, tecnológico e comunicacional, se antes já era complexo, agora passa a ser ainda mais, pois os problemas como valorização e reconhecimento profissional ainda estão calcados na prática sacerdotal com que a educação no Brasil foi constituída. É fundamental rever esta nova etapa da evolução educacional através do olhar e das possibilidades que a EAD favorece. Certamente, precisa-se rever a profissionalização docente desse professor/ciberprofessor que agora amplia suas responsabilidades, mas continua sem ser reconhecido, nem valorizado e nem ouvido por todos os que compõem a estrutura educacional brasileira.

Referências

- ALTET, M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, É.: **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** 2.^a ed. Porto Alegre; Artmed, 2001.
- ANASTASIOU, Lea G.; ALVES, L. P. (Orgs.) **Processos de ensinagem da universidade**. Joinville; Univille, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 07 out 2008.
- BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. Campinas; Papirus, 1996.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma a nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2001.
- LE MOS, André (org). **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: e-paper, 2004. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/modelo.pdf>. Acesso em 05 agosto de 2008.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- MATTOS, Maria L. EAD: espaços de (In)formação / aprendizado de professor-produtor. In: BURNHAM, Teresinha; MATTOS, Maria L. P. (org). **Tecnologias da informação e educação à distância**. Salvador; Edufba, 2004, 189-205.
- MEC. **Ministro defende que União assuma formação dos professores**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11375>. Acesso em 21 de out 2008.
- _____. **Legislação de educação a distância**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=content&task=view&id=324&Itemid=455>. Acesso em 21 de nov 2008.
- MOORE, Michael G; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo. Tomson Learning, 2007.
- MORIN, Edgard. **Réforme de pensée, transdisciplinarité, réforme de l'Université**. Trabalho apresentado no Congresso *Quelle Université pour demain ? Vers une évolution transdisciplinaire de l'Université* (Locarno, Suíça, 30 abril - 2 maio, 1997); texte publié dans *Motivation*, n° 24, 1997. Disponível em <<http://nicol.club.fr/ciret/bulletin/b12/b12c1.htm>> Acesso em 10 de nov 2008.
- PREECE Jennifer; ROGERS Yvonne; SHARP Helen: **Design de interação: além da interação homem-computado**. Porto Alegre; Bookman, 2005.
- SILVA, Marco. **Educação online**. (org.). São Paulo: Loyola, 2006.
- TAYLOR, T. L. **Life in Virtual Worlds: Plural Existence, Multimodalities, and Other Online Research Challenges**. *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, p. 436-449,

Nov./Dec. 1999. Disponível em <http://www.itu.dk/people/ltaylor/papers/Taylor-Methods.pdf>; Acesso em 24 de nov 2008.